

humanitas

Vol. XXXIX-XL

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

XXXIX-XL



C O I M B R A

MCMLXXXVII-MCMLXXXVIII

LUTERO E A BÍBLIA

Como era de esperar, o 5.º centenário do nascimento de Martinho Lutero foi devidamente assinalado em toda a parte, em especial na Alemanha, o que bem se compreende. Lutero é justo motivo de orgulho do povo alemão.

Nas cidades da República Federal Alemã e da República Democrática Alemã, onde o Reformador deixou marcas significativas ou às quais ficou ligado de uma forma ou de outra, estabeleceu-se um vasto calendário comemorativo incluindo seminários, simpósios, congressos, exposições, etc. E editaram-se inúmeras obras sobre a vida e a obra de Lutero.

Entre os lugares em que se evocou mais solenemente a figura do monge de Wittemberg, salientam-se Berlim, Hamburgo, Osnabrück, Hannover, Wolfenbüttel, Mogúncia, Darmstadt, Worms, Heidelberg, Estocarda, Tubinga, Tutzing, Nuremberga e Coburg. Nalgumas delas foi focada a dimensão bíblica de Lutero como em Estocarda e em Wolfenbüttel. «Ursprung der Biblia Deutsch von Martin Luther» e «Biblia Deutsch. Luthers Übersetzung u. ihre Tradition» foram dois excelentes trabalhos aparecidos nesse domínio.

Lembre-se entretanto que a celebração de Lutero começou muito cedo. Já antes da sua morte fora determinado que houvesse uma festividade anual da Reforma. Na igreja de Brunswick era, a partir de 1528, no 1.º domingo de Setembro, enquanto em Hamburgo, depois de 1529, e em Lübeck, a partir de 1531, era no domingo da S.S. Trindade. Na Baixa Saxónia fixou-se em 1585 que fosse no domingo após a festa de S. João Baptista.

Mais tarde, noutros sítios, recordava-se a Reforma ou dia de S. Martinho no dia do nascimento de Lutero (10 de Novembro) ou também no dia da sua morte (18 de Fevereiro). Só no séc. xvii se assistiu a uma certa uniformização. Passou a celebrar-se a Reforma e a memória de Lutero entre 31 de Outubro e 2 de Novembro. Actualmente é no dia 31 de Outubro ou no domingo mais próximo, em razão

de ter sido nesse dia que foram afixadas as célebres 95 teses. Mas muitas outras celebrações de factos ligados à Reforma tem havido ao longo da história.

Como sucede geralmente com as grandes figuras da história, também Lutero foi objecto de interpretações diversas. Na 2.^a metade do séc. XVII a glorificação unilateral do Reformador passou a segundo plano. A ortodoxia via nele o defensor da doutrina, mas outra corrente em que se situava o jurista luterano Seckendorf, autor de uma história do luteranismo, procurou pôr em relevo a própria pessoa de Lutero.

O pietismo alemão daria depois uma amplitude maior a esta teoria. Autores como Spener, Franke e Zingendorf chamaram a atenção para o homem Lutero, para a sua piedade, para os textos em que ele opunha fé viva, rica em obras, à fé morta, sem obras.

No séc. XVIII as Luzes viram em Lutero o agente de uma emancipação decisiva dos homens em relação a Roma. O monge de Wittemberg encarnava a luta da razão e da liberdade de consciência contra a intolerância e o obscurantismo.

Do séc. XVIII para cá a imagem de Lutero foi marcada por diversas correntes e tendências culturais e teológicas. O romantismo enaltecia a dimensão heróica da caminhada de Lutero. O néo-protestantismo, representado em particular por Troeltsch, criticava o Reformador por estar ainda enfeudado na Idade Média e por ter favorecido o absolutismo das autoridades políticas e a moral dupla na vida dos cristãos.

Depois da 1.^a guerra mundial assistiu-se à redescoberta de Lutero, devido em especial aos trabalhos de Karl Holl. Falou-se da renascença do Reformador. Holl falava da religião de Lutero como sendo a religião da consciência.

Karl Barth focou em particular a teologia de Lutero em relação à sua pessoa. Outros salientaram o papel decisivo que teve no processo da secularização. Os luterólogos escandinavos puseram em relevo a teologia da criação. Por fim, o diálogo ecuménico das Igrejas chamou a atenção para as concepções eclesiológicas de Lutero, no que a análise dos seus livros sobre a Sagrada Escritura é fundamental.

*

A psicologia de Lutero foi objecto de estudo por parte de vários autores que, ao debruçarem-se sobre a pessoa do Reformador, não esqueciam a sua obra bíblica. Denifle, Scheel, Wirth (1981), Kuchen-

meister, Erikson, Reiter, Dalbiez, Fèbvre, Delumeau, Chaunu, Congar, Olivier e outros debruçaram-se sobre este tema. De uma maneira geral, pode dizer-se que a tendência actual é a de admitir que a angústia de Lutero não explica a Reforma podendo comparar-se com o que se passou com S. Agostinho e outros autores de espiritualidade.

E não pode omitir-se também a série de interpretações sócio-económicas surgidas acerca da pessoa e da obra de Lutero como, por exemplo, por parte de Max Weber, de Amintore Fanfani e outros. Se aqui aludimos a estas interpretações é para referir que os seus autores dão aos escritos bíblicos de Lutero uma importância especial.

A paixão de Lutero pela Bíblia poderá encontrar a sua explicação em diversos factores que aqui sintetizamos: o movimento reformista surgido a partir dos Hussitas, a *devotio moderna*, o humanismo cristão (como os alemães Mutianus Rufus, Eobanus Hessus, Georg Shalatin, Ulrich von Hutten), a decadência da filosofia de Occam e da Escolástica, etc. Foi um período de inquietação religiosa e de profundas aspirações de reforma da sociedade e da Igreja, de contrastes e interrogações.

Para o Mestre de Wittemberg era na Sagrada Escritura que se devia procurar a solução para os problemas que atormentavam o homem do seu tempo. Nem a filosofia, nem as letras humanas, nada que fosse criação do homem poderia dar uma solução cabal. Até 1512, ano em que se doutorou em Teologia, na célebre Universidade de Wittemberg, então em plena actividade, como estudante, monge e professor, Lutero leu muito S. Agostinho, Tauler, a *Deutsche Theologie*, a *Imitação de Cristo* e cada vez mais se ia apercebendo que o homem sem a revelação de Deus expressa na Sagrada Escritura não podia vencer a crise que o assolava. Certos temas como a corrupção do homem, a justificação, a graça de Deus cedo começaram a germinar no seu espírito. Era o surgir de uma nova teologia. As notas anexas a um exemplar das *Sentenças* de Pedro Lombardo e às obras de S. Agostinho, bem como as disputas académicas a que presidiu, são fontes imprescindíveis para se poder seguir o itinerário espiritual de M. Lutero até 1513.

Revestiu-se de uma importância muito particular a sua actividade docente entre 1513 e 1518. Durante estes anos comentou os Salmos e as Epístolas de S. Paulo aos *Romanos*, aos *Gálatas* e aos *Hebreus*.

O *Comentário aos Salmos* engloba 2 grossos volumes da célebre edição de Weimar. Foi publicado pela 1.^a vez em 1876 e recentemente (1983) reeditado por Eleanor Rocha e Reinhard Schwarz sob

a direcção de Sigfried Raeder. A apresentação é de Paul Raabe e o prefácio de Gerhard Ebeling. A introdução é de Reinhard Schwarz.

Obra de difícil interpretação, ela é fundamental para estudar a génese do pensamento do Reformador. Com os seus estudantes Lutero trabalhava sobre o *Psalterium Quintiplex* de Lefèvre d'Étaples (Paris 1509). O espaço entre as linhas do texto permitia a indução de glosas interlineares e de glosas marginais. Elaborou um prefácio e redigiu sumários para cada Salmo. A explicação pormenorizada aparece à parte sob a forma de escólios.

Na sua exegese segue o método tradicional que consistia em extrair de cada passo bíblico quatro sentidos diferentes: o literal (aplicado a David e Cristo), o alegórico (à Igreja), o tropológico (aos fiéis) e o anagógico (à escatologia).

O que impressiona mais neste comentário é a insistência na pessoa de Cristo que é a chave do Saltério, escreve no prefácio. *A fides Christi* leva o cristão a percorrer o mesmo caminho do Salvador. Não se trata de uma teologia e de uma espiritualidade baseadas na imitação de Cristo em sentido moral como queria o humanismo cristão, mas de uma comunhão existencial que é fruto da acção da Palavra de Deus.

Lutero aplica a Cristo e ao cristão praticamente todos os Salmos. Os Sals. 22 («Deus meus, Deus meus, quare me dereliquisti?») e o 51 («Miserere mei, Deus, secundum misericordiam tuam») merecem-lhe uma atenção especial. O primeiro aplicado a Cristo, o segundo aos fiéis. O estado de pecado do homem, a corrupção da natureza humana, a auto-acusação, a mortificação e a penitência — eis outros pontos desenvolvidos por Lutero neste comentário. A teologia da Cruz é uma questão bastante desenvolvida.

*

A *Epístola aos Romanos* foi comentada a seguir. Mas só em 1908 é que a obra veio a ser editada. É outro trabalho notável para compreender a teologia de Lutero, sendo o comentário mais acessível do que o dos Salmos. Agora os sentidos bíblicos estudados são apenas o gramático-literal e o espiritual ou pneumático e os temas mais aprofundados o pecado, o juízo e a auto-acusação do cristão. Escreve o Reformador: «O sumário desta epístola é destruir, desenraizar e arruinar toda a sabedoria e toda a justiça carnais (quer dizer, aquelas que os homens nos atribuem e de que nós nos vangloriamos), sejam quais

forem o zelo e a sinceridade donde procedem; e plantar, estabelecer e magnificar o pecado (seja qual for o grau da nossa inconsistência)».

A salvação do homem realiza-se pela justiça de Deus (*extranea*) que se opõe à humana (*domestica*). Aqui afasta-se de G. Occam que fala de uma preparação do homem em ordem à graça divina.

Aliás o tema da justiça aparece frequentemente ao longo deste comentário. O ponto central encontra-se em Rom. 1, 17: «*justitia enim Dei in eo revelatur ex fide in fidem*» (*δικαιοσύνη γὰρ Θεοῦ ἐν αὐτῷ ἀποκαλύπτεται ἐκ πίστεως εἰς πίστιν*). A justiça de Deus opõe-se à justiça dos homens, insiste Lutero; ela não é uma qualidade divina, como querem os escolásticos, mas um dom sobrenatural que se opõe ao pecado original, que se mantém no homem pela concupiscência. A crítica a G. Biel, último representante do occamismo, é expressa quando se fala da preparação do homem. Aquele aludia a *facere quod in se est* que o homem podia concretizar. Segundo Lutero, toda a acção vem de Deus. O homem será sempre «simul peccator et justus».

A partir das ideias teológicas desenvolvidas vai emitindo críticas à Igreja, aos abusos, ao Direito Canónico, ao culto, etc. O que importa é a fé e o amor que podem germinar no homem pela acção da Palavra.

No comentário à *Epístola aos Gálatas* e aos *Hebreus* a tónica é colocada no elo da fé com Cristo e no tema da Palavra que deve levar o homem a continuamente penitenciar-se: «*wie mehr leiden u. drucken, je besser Christen*» e a elevar-se para Deus («*translatus, raptus*»).

Em 1516 e 1517, sobre alguns dos temas referidos aquando da defesa de certas teses, Lutero ataca duramente Escoto, Occam, d'Ailly, Gabriel Biel e Aristóteles e defende com veemência o bispo de Hipona. O mesmo irá suceder durante a célebre disputa de Heidelberg em 1518. A fundamentação bíblica é uma constante e as críticas à filosofia frequentes.

X

Estava lançada a teologia reformadora, que ultimamente tem merecido de autores como P. Vignaux, H. Strohl, M. Lienhard, L. Grane, G. Müller, D. Demmer, G. Ebeling, O. Pesch, T. Beer, etc., um interesse muito especial.

O ano de 1520 foi marcado pela publicação de quatro obras que constituem fontes capitais para o conhecimento da Reforma: *Sermão sobre boas obras*, *Manifesto à nobreza cristã da nação alemã*, *Prelúdio sobre o cativoiro babilónico da Igreja* e *Tratado da liberdade cristã*.

Nelas, como depois em tantas outras, a fundamentação das ideias expostas (reforma da Igreja, sacerdócio universal, renovação das escolas e das universidades, etc.) é sempre bíblica.

A propósito da reforma das escolas e das universidades, escreve estas palavras: «Para uma cidade, o que representa a mais bela e a maior prosperidade, saúde e força, é contar com muitos cidadãos eruditos, inteligentes, honrados, e bem educados que podem depois acumular, conservar e utilizar devidamente os tesouros e todos os bens. Dir-se-á: «Mas que serve aprender as línguas latina, grega e hebraica bem como as outras artes liberais? Podíamos apenas aprender a Bíblia e a Palavra de Deus em alemão e isso será o suficiente para a nossa salvação!». E Lutero responde: «Embora o Evangelho tenha chegado e chegue todos os dias pelo Espírito Santo, é todavia por meio das línguas que ele veio e se propagou, e é também por este meio que deve ser conservado ... as línguas são as bainhas nas quais se guarda esta lâmina do Espírito ... os apóstolos julgaram necessário escrever o Novo Testamento em grego e ligá-lo a esta língua; fizeram-no para que nós o conservemos de forma segura e fiel como num cofre sagrado ... Agora que as línguas passaram ao primeiro plano, elas trazem consigo uma tal luz e realiza coisas tão grandes que o mundo se encontra estupefacto e deve reconhecer que possuímos o Evangelho quase na sua pureza original».

Impacto da mensagem de Lutero

A imprensa e a pregação levaram a mensagem de Lutero a toda a parte. Foi a primeira vez que um movimento popular se serviu da tipografia; e o anúncio oral foi extraordinário.

O inventário de Benzing *Lutherbibliographie. Verzeichnis der gedruckten Schriften M. Luthers bis zu dessen Tod* (Baden-Baden, 1966) permite ficarmos com uma ideia da expansão da obra de Lutero. Houve 4.000 edições ou reedições dos seus escritos ainda em vida, ou seja, um terço da literatura alemã da época é da sua autoria.

Alguns exemplos: *O Sermão sobre a indulgência e a graça* (1517) foi editado umas 30 vezes. Trinta trabalhos de Lutero do mesmo género publicados entre 1517 e 1520 conheceram ao todo 370 edições, o que significa 250.000 exemplares. *O Manifesto à Nobreza Cristã da Nação Alemã* foi publicado 13 vezes em 1520. Em geral, a 1.ª ed. tinha

1.000 a 1.500 exemplares. Mas o *Manifesto* saíu na 1.^a ed. com 4.000 exemplares e no espaço de 8 dias estava esgotado.

As 1.^{as} edições das obras completas impressas por Froben em Basileia (1518 e 1519) esgotaram-se em poucos meses. A 2.^a ed. (Basileia, Fevereiro de 1519) já não existia em Maio desse ano.

A França e a Itália compravam muito, segundo informações do próprio Froben. Segundo W. G. Moore todas as obras de Lutero eram conhecidas em Paris em 1521.

As pesquisas do referido Moore, de R. Peter e de F. Higman sobre a difusão das obras de Lutero em França têm revelado a história da difusão das suas obras naquele país. O latim em que escreveu muitos dos seus livros não era obstáculo. Mas havia muitas versões. Contudo, para atingirmos o genuíno pensamento do autor tem de recorrer-se ao latim.

Não se pode também esquecer o papel desempenhado pelos panfletos e pelas ilustrações em que se celebrizaram Lucas Cranach, Hlolbein e Baldung.

A versão da Bíblia de Lutero

Constitui uma das obras primas da literatura alemã. Já antes de Lutero se haviam feito 14 edições entre 1461 e 1522 em alto alemão e 4 em baixo alemão.

O Reformador iniciou a sua tradução em 1521 em Wartburgo e em 11 semanas estava o trabalho terminado. O A. T. demorou mais tempo. Só em 1534 o deu por concluído, ou seja, levou uns 11 anos a realizar o trabalho. De referir ainda as revisões feitas. A 2.^a edição do N. T. apareceu em 1522 e comportava 574 correcções não só tipográficas mas também de estilo. Um labor ingente!

Para o Novo Testamento Lutero serviu-se da 2.^a ed. (1519) da versão grega editada por Erasmo, que era acompanhada de notas e de uma tradução latina. Mas a Vulgata era-lhe mais familiar e o seu conhecimento do grego era inferior ao dos humanistas como, por exemplo, Melanchton.

A sua tradução baseia-se na versão grega, não sendo, contudo, possível determinar em cada caso até onde vai a sua referência ao texto original.

Para o A. T. Lutero teve o apoio de alguns hebraístas como Melanchton, mas deve ter utilizado as versões anteriores, como pensa

H. Volz (*Martin Luthers deutsche Bibel*, Hamburgo, 1978), que em 1972 editou a Bíblia de Lutero. Lembra-se que na Alemanha brilhavam no início do séc. XVI hebraístas como Pellikanus, S. Münster, Elias Levita, J. Reuchlin e havia publicações de comentários bíblicos muito valiosos. Na sua versão Lutero procurava descobrir o sentido, mais do que encontrar uma tradução literal, como explica na sua *Epístola sobre a Arte de Traduzir* (de 1530). Daí certas liberdades que se deparam aqui e além. Assim, em vez de traduzir que os discípulos estavam «deitados», «discumbentibus» em Mc. 14, 18 (*καὶ ἀνακειμένον αὐτῶν*), traduz «sentados à mesa». Em Rom. 3, 28 incluiu «solam» onde se lê: «Arbitramur enim iustificari hominem per fidem sine operibus» («per solam fidem») (alleine durch den Glauben); em grego: *λογιζόμεθα γὰρ δικαιῶσθαι πίστει ἄνθρωπον ἄνευ ἔργων νόμον*. Ele explica que a língua alemã exige a introdução de «solam». «Eu quis falar alemão e não latim nem grego», escreve Lutero.

Mas, por vezes, Lutero prefere seguir o texto original e explica porquê. Assim em Lc. 1, 28: «Ave Maria, gratia plena», traduz por «ter que és graciosa» («holdselige»), pois dizer «gratia plena» «faria pensar na vasilha cheia de cerveja ou numa bolsa cheia de prata».

Na versão da Bíblia Lutero revelou-se dotado de extraordinários recursos literários. Era o texto bíblico de sempre mas encarado e reescrito através da sua experiência religiosa, actualizado para a época numa língua clara e compreensível para as pessoas mais simples, escreve M. Lienhard.

Lutero fê-la acompanhar de notas marginais e de prefácios, pelo que se tornou um verdadeiro comentário. Seria para a edificação pessoal e para instrução doutrinal. Foi a língua alemã que de facto divulgou a mensagem de Lutero.

Mesmo os adversários de Lutero reconheceram o merecimento da sua versão. Foi o caso de Emser que se inspirou na Bíblia de Lutero ao editar a sua em 1527.

Constituiu um grande sucesso editorial a edição da Bíblia de Lutero, que, ilustrada quanto ao N.T. por Cranach, depressa se esgotou logo em 1522 no espaço de algumas semanas. Devia ter mais de 3.000 exemplares. Entre 1522 e 1533 apareceram 85 edições. Os 455 panfletos do período de 1523-25 287 citam a Bíblia de Lutero. Só o impressor Hans Lufft vendeu, ao que parece, em 50 anos 100.000 exemplares da Bíblia completa de Lutero. E o preço era elevado para o tempo. Até à morte do Reformador conheceram a luz da publicidade

mais de 430 edições da Bíblia traduzida por Lutero ou extractos da mesma. Calcula-se que em 1535 70 edições continham o N.T.

E já que falamos da Bíblia de Lutero convém dizer alguma coisa sobre o lugar que o monge de Wittenberg ocupa na história da língua e da literatura alemão. Hoje já não se afirma, como fez Herder, que Lutero foi o criador do alemão moderno. Escreveu Herder: «Lutero despertou e libertou a língua alemã moderna, este gigante adormecido». Mas o contributo de Lutero foi decisivo. Se em 1520 900% dos escritos impressos eram ainda em latim, em 1570 já só chegavam a 700% e a evolução ficou a dever-se a Lutero em larga medida.

A ele se deveu também a criação de certo número de palavras. Assim temos *Sundenbock* (bode expiatório), *Machtwort* (palavra enérgica), *Kleinglaubig* (de pouca fé), *gottgefällig* (agradável a Deus), *gnadenreich* (rico em graça), *Glanbenskaupf* (combate de fé), *Sundenangst* (medo por causa do pecado), *Winkelpediger* (pregador de pequeno), *Biederturmer* (iconoclasta), *Wortgezank* (disputa de palavras). Termos como *Gnade*, *Rechtfertigung*, *Glaube*, *fromm*, *Beruf* receberam outra significação.

E podíamos dar outros exemplos: *fett* em vez de *feist*; *bange* a *zage*; *Grenze* a *Mark*; *frendig* seria substituído por *entschlossen* (decidido).

Mas se a Reforma contribuiu para uniformizar a língua alemã, também é certo que ela aumentou o fosso entre os espaços linguísticos protestantes e católicos. Nestes últimos o latim iria conservar uma posição dominante, em particular nas escolas e através dos escritos dos Padres Jesuítas. Só nos sécs. xvii e xviii é que o alemão se viria a impor a pouco e pouco como língua nacional, como sucedia com o francês que estimulado o alemão.

Se o lugar de Lutero no aspecto relativo à evolução da língua alemã é discutível, já quanto ao seu papel na história da literatura alemã é o acordo mais evidente. Lutero foi um dos escritores alemães maiores e mais profundos. E foi a versão da Bíblia que lhe deu mais nomeada. O especialista alemão H. Schneider disse acerca da Bíblia de Lutero «que ela está no início e foi a norma do conjunto da nossa literatura moderna. Ela foi como a *Divina Comédia* para os italianos. Pouco importa que tenha sido uma tradução e não uma criação original».

Os grandes nomes da literatura moderna como Schiller, Goethe, Nietzsche e outros inspiraram-se na Bíblia de Lutero, mesmo quando emitiram juízos críticos em relação a Lutero, como foi o caso de Thomas Mann.

O comentário ao Génesis

De Junho de 1535 a Novembro de 1545 Lutero comentou o Génesis, último livro bíblico estudado. Em 1546 viria a falecer. O Concílio de Trento iniciara-se em 1545. Para fixar o sentido literal, seguiu quase sempre Nicolau de Lira que, embora considerado suspeito anteriormente, lhe forneceu não poucos elementos sobre as diferentes explicações propostas pela exegese rabínica judaica. Lutero reconhece ainda o contributo recebido dos hebraístas seus contemporâneos, como Sebastiam Münster e Sanctes Pagninus. Mas censura-os por se fixarem demasiado na filologia e por não terem penetrado no espírito do texto e no conteúdo da revelação.

Aliás, na polémica antijudaica movida por Lutero a partir de 1530 nota-se a mesma atitude de crítica à análise demasiado filológica do texto sagrado, como tem sido salientado por diversos autores, como W. Bienert na sua obra *Martin Luther u. die Juden* (Francoforte, 1982).

CONCLUSÃO

Defensor do livre exame na interpretação da Sagrada Escritura e enaltecendo extraordinariamente a sua importância na vida cristã e da sociedade, Lutero, ao longo da sua vida, em debates (com Müntzer, Carlstadt, Erasmo, etc.) e em obras escritas, na docência e na sua actividade pastoral nunca deixaria de valorizar ao máximo a Bíblia. Nas suas 95 teses, na Dieta de Augsburg, na Dieta de Espira, na sua vasta correspondência, nas *Conversas de Mesa*, nos *Catecismos*, nos *Artigos de Esmacalda*, nas tentativas de solução de problemas sociais, éticos, políticos, jurídicos e outros, na valorização das actividades terrenas do homem — sempre encontramos a mesma aproximação bíblica que o caracterizou desde a primeira hora.

Por isso, podemos dizer, em conclusão, que Lutero se identifica com a Bíblia e que esta não se compreende sem Lutero. Desde 1513, principalmente, até ao fim da sua existência, quer como monge e professor, quer como pastor, sempre considerou a Sagrada Escritura como a fonte autêntica da verdade para todos os aspectos da vida do homem e da sociedade.